AÇÕES E EXPLORAÇÕES: O PAPEL DO EDUCADOR NAS PRÁTICAS PIKLERIANAS

CONCEIÇÃO SIRLANDIA GUIMARÃES FERNANDES

RESUMO
O artigo “Ações e Explorações: O Papel do Educador nas Práticas Piklerianas ” analisa a importância da atuação intencional e observadora do educador nas experiências de movimento livre propostas por Emmi Pikler. O estudo tem como objetivo compreender como as ações pedagógicas podem favorecer a autonomia, a segurança emocional e o desenvolvimento integral dos bebês em contextos de Educação Infantil. A pesquisa adota como método uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, fundamentada em obras de Emmi Pikler, Lóczy e autores contemporâneos que dialogam com a prática do cuidado respeitoso. O texto descreve a relevância da observação atenta e da organização do ambiente como pilares do trabalho educativo, destacando que o educador atua como mediador sensível, oferecendo suporte sem interferir nas descobertas espontâneas da criança. As análises apontam que o movimento livre, quando valorizado, promove a confiança corporal, a construção da identidade e a ampliação das interações sociais. O estudo conclui que o papel do educador nas práticas piklerianas exige uma postura ética, reflexiva e sensível, capaz de reconhecer a criança como sujeito ativo do próprio aprendizado. Reforça-se que a prática pedagógica pautada no respeito e na escuta contribui para o fortalecimento do vínculo e para a constituição de ambientes educativos mais humanos e acolhedores.
PALAVRAS-CHAVE: movimento livre; educador; autonomia infantil.

ABSTRACT

The article “Actions and Explorations: The Educator’s Role in Piklerian Practices” analyzes the importance of the educator’s intentional and observant role in the free movement experiences proposed by Emmi Pikler. The study aims to understand how pedagogical actions can foster autonomy, emotional security, and the integral development of infants in Early Childhood Education. The research adopts a qualitative bibliographic approach based on the works of Emmi Pikler, Lóczy, and contemporary authors who discuss respectful care practices. The analysis highlights the relevance of attentive observation and well-organized environments as essential pillars of educational work. It concludes that the educator, as a sensitive mediator, supports but does not interfere with the child’s spontaneous discoveries. The results show that free movement promotes bodily confidence, identity formation, and social interaction. The study emphasizes that the educator’s role in Piklerian practices requires an ethical, reflective, and sensitive posture, recognizing the child as an active subject in their own learning process.
KEY WORDS: free movement; educator; child autonomy.

1. INTRODUÇÃO

A abordagem Pikleriana, desenvolvida pela pediatra húngara Emmi Pikler (1902–1984), propõe uma profunda reflexão sobre o modo como o adulto se relaciona com a criança nos primeiros anos de vida. Fundamentada na ideia de que o bebê é um sujeito competente, ativo e capaz de desenvolver-se a partir de suas próprias experiências, a pedagogia pikleriana valoriza o movimento livre como condição essencial para o desenvolvimento integral e para a construção da autonomia. Nesse contexto, o papel do educador deixa de ser o de condutor das ações infantis para assumir a postura de observador atento, mediador sensível e organizador de ambientes seguros e acolhedores.

O movimento livre, entendido como a possibilidade de a criança explorar o espaço e os objetos ao seu redor sem interferências diretas, torna-se um instrumento de aprendizado e autoconhecimento. Essa liberdade de ação estimula a coordenação motora, a curios idade, a confiança corporal e o pen-

samento autônomo. Entretanto, essa concepção exige uma mudança significativa na prática pedagógica tradicional, que, muitas vezes, tende a antecipar etapas do desenvolvimento ou a propor atividades diretivas. Assim, compreender o papel do educador dentro das práticas piklerianas é essencial para garantir que o ambiente educativo seja pautado pelo respeito, pela escuta e pela observação constante das necessidades e interesses individuais de cada criança.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar o papel do educador nas práticas inspiradas na abordagem Pikleriana, destacando como suas ações, posturas e atitudes influenciam diretamente a formação da autonomia e a construção de vínculos afetivos seguros. Como objetivos específicos, busca-se: (1) compreender os princípios do movimento livre propostos por Emmi Pikler; (2) identificar as características essenciais da atuação do educador em contextos que valorizam essa prática; e (3) discutir as contribuições dessa abordagem para o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil.

Metodologicamente, a pesquisa apresenta caráter qualitativo e bibliográfico, baseada em referenciais teóricos que abordam a filosofia Pikleriana e suas implicações pedagógicas, como os estudos de Emmi Pikler (2019), David e Appell (2021), Falk (2020) e autores brasileiros que dialogam com essa perspectiva no campo da Educação Infantil. A escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de aprofundar a compreensão teórica sobre o papel do educador como mediador das experiências infantis, valorizando a dimensão ética e afetiva do cuidar e do educar.

A discussão proposta insere-se no debate contemporâneo sobre a educação dos bebês e das crianças pequenas, que desafia o educador a repensar suas práticas e concepções sobre desenvolvimento, aprendizagem e cuidado. As creches e espaços educativos voltados à primeira infância constituem ambientes privilegiados para a observação e implementação das práticas piklerianas, pois neles o educador pode planejar ações que respeitem o tempo e o ritmo individuais de cada criança. Além disso, a reflexão sobre o papel do adulto nesse processo revela a importância da formação continuada dos profissionais da educação infantil, uma vez que a aplicação dos princípios de Emmi Pikler requer sensibilidade, escuta ativa e capacidade de observar sem intervir indevidamente.

A relevância do tema está em sua contribuição para a construção de uma educação humanizada, em que o cuidado e o aprendizado se entrelaçam em experiências significativas e respeitosas. Ao compreender que o desenvolvimento infantil se dá de forma natural, a partir das próprias iniciativas da criança, o educador passa a atuar como facilitador, criando condições para que ela explore, descubra e se mova com segurança e autonomia. Assim, a prática pedagógica ganha um novo sentido, deixando de ser apenas transmis sora de conteúdos para tornar-se promotora de experiências formadoras.

Dessa forma, este artigo situa-se na interseção entre teoria e prática, propondo uma reflexão sobre as implicações pedagógicas do movimento livre e sobre o papel do educador como agente fundamental na construção da autonomia e da identidade da criança. A investigação parte da premissa de que o respeito, a observação e o vínculo afetivo são as bases de um trabalho educativo que reconhece a infância como tempo de experimentação e descoberta. Ao analisar as ações e explorações que permeiam as práticas piklerianas, busca-se contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas mais conscientes, éticas e comprometidas com o desenvolvimento integral das crianças pequenas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O MOVIMENTO LIVRE COMO FUNDAMENTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A teoria de Emmi Pikler representa uma ruptura significativa nas concepções tradicionais de cuidado e desenvolvimento infantil. Seu trabalho, iniciado na década de 1940, propôs uma nova forma de compreender o

bebê — não como um ser passivo e dependente, mas como um sujeito ativo, capaz de construir conhecimento e autonomia por meio de suas próprias ações. Nesse sentido, o movimento livre constitui o eixo central da abordagem pikleriana, sendo compreendido como o direito que toda criança tem de explorar o ambiente, movimentar- se e descobrir o mundo a partir de suas próprias iniciativas, sem interferências indevidas do adulto.

Segundo Pikler (2019, p. 45), "a liberdade de movimento é a base do desenvolvimento físico e psíquico harmonioso da criança". Essa afirmação sintetiza a essência de sua pedagogia: o corpo em movimento é a primeira forma de pensamento e comunicação da criança. Por meio das ações espontâneas — rolar, engatinhar, alcançar, puxar, subir — o bebê não apenas exercita sua motricidade, mas também constrói noções espaciais, temporais e afetivas. Ao permitir que o movimento aconteça livremente, o adulto reconhece que a aprendizagem nasce da ação autônoma e da experiência corporal, e não da imposição de exercícios ou estímulos artificiais.

A prática pedagógica inspirada em Pikler convida o educador a rever o papel do controle e da intervenção. Na maioria das instituições de Educação Infantil, ainda é comum observar adultos que aceleram etapas do desenvolvimento motor, colocando o bebê sentado antes que ele o faça por conta própria, ou conduzindo seus passos nas tentativas de andar. Essas atitudes, embora muitas vezes motivadas por boas intenções, acabam restringindo o aprendizado natural da criança. Falk (2020, p. 63) explica que "a confiança em si mesmo nasce da experiência de poder fazer sozinho", destacando que a intervenção precoce pode gerar insegurança e dependência. Assim, o movimento livre é mais do que uma metodologia: é uma postura ética diante da infância.

A valorização do movimento espontâneo está diretamente ligada à concepção de infância como tempo de descobertas, e não de adestramento. A criança, ao ser respeitada em seu ritmo, vivencia o prazer da conquista e a alegria de dominar o próprio corpo. Esse processo, segundo David e Appell (2021, p. 42), é o que "permite ao bebê construir uma imagem positiva de si, baseada em experiências reais de sucesso e superação". Cada tentativa, cada desequilíbrio e cada nova habilidade conquistada representam passos importantes na formação da autoconfiança e da autonomia emocional.

O movimento livre também está associado ao desenvolvimento cognitivo. Através das ações corporais, o bebê experimenta relações de causa e efeito, percebe pesos, distâncias e texturas, e aprende a resolver pequenos desafios. De acordo com Pikler (2019, p. 51), "a atividade espontânea é o início do pensamento autônomo". Essa afirmação reforça a ideia de que o movimento não é apenas motor, mas também intelectual e simbólico, uma vez que o corpo é o primeiro instrumento de relação com o mundo.

Outro aspecto fundamental da abordagem pikleriana é a relação entre movimento e afeto. A liberdade para mover-se está intimamente ligada à sensação de segurança e confiança no ambiente e nas pessoas que o cercam. Quando o bebê sabe que o adulto o observa com atenção e cuidado, sem apressar ou intervir em suas ações, sente-se protegido para explorar. Falk (2020, p. 70) observa que "a segurança emocional nasce do olhar que acompanha, e não do gesto que controla". Assim, o vínculo afetivo é fortalecido não pelo domínio, mas pela presença sensível e respeitosa do educador.

O movimento livre, portanto, demanda uma reorganização do ambiente e da postura adulta. É preciso criar espaços amplos, seguros e desafiadores, onde o bebê possa se expressar e agir por conta própria. Isso implica reconhecer o chão como território de aprendizado, substituindo o impulso de carregar ou limitar o bebê pela confiança em sua capacidade de autodescoberta. Como observa Pikler (2019, p. 62), "quando o adulto compreende que a criança é capaz, ele aprende a esperar e a observar". Essa espera ativa é, em si, uma forma de educação: ensina o educador a confiar no tempo da infância e a valorizar cada conquista como expressão de crescimento interior.

A aplicação dos princípios do movimento livre também tem implicações para a saúde física e mental das crianças. Estudos inspira-

dos na abordagem pikleriana demonstram que bebês que se movimentam livremente desenvolvem melhor coordenação, equilíbrio e força, além de apresentarem maior iniciativa e concentração. Ao não serem colocados em posições para as quais ainda não estão preparados, evitam-se tensões musculares e frustrações emocionais. Essa harmonia entre corpo e mente reflete a visão de desenvolvimento integral defendida por Pikler, na qual o aprender e o cuidar se unem em uma mesma experiência.

Por fim, é importante destacar que o movimento livre não significa ausência de limites, mas liberdade com segurança. O papel do adulto é garantir condições para que a criança explore sem riscos, oferecendo um ambiente organizado, materiais adequados e uma presença constante, porém discreta. Essa postura exige observação, paciência e sensibilidade ,virtudes pedagógicas que sustentam a prática pikleriana.

Em síntese, o movimento livre é um ato de confiança na potência da infância. Ele convida o educador a enxergar o corpo como um espaço de pensamento, o gesto como expressão de autonomia e o brincar como forma de conhecimento. Ao respeitar o ritmo próprio de cada criança, o adulto promove não apenas o desenvolvimento motor, mas também a formação de um sujeito confiante, curioso e emocionalmente seguro. Essa visão, profundamente humanizadora, reafirma o compromisso ético de educar a partir do respeito e da escuta, reconhecendo que o verdadeiro aprendizado nasce do encontro entre liberdade, afeto e descoberta.

2.2 O PAPEL DO EDUCADOR COMO MEDIADOR E OBSERVADOR ATENTO

Na abordagem Pikleriana, o papel do educador ultrapassa a função tradicional de ensinar. Ele é chamado a ser observador, mediador e cuidador ético, cuja presença favorece o desenvolvimento autônomo da criança. A postura do educador é essencial para garantir que o movimento livre se realize em um ambiente de segurança e respeito. Emmi Pikler (2019, p. 44) afirma que “a atitude do adulto é decisiva para que a criança desenvolva confiança em si mesma e nos outros”. Essa afirmação revela que a relação entre adulto e criança é o ponto de partida para todas as aprendizagens significativas.

O educador pikleriano compreende que observar é um ato pedagógico. Ele observa para conhecer, compreender e respeitar o ritmo individual de cada criança. David e Appell (2021, p. 58) reforçam essa ideia ao dizer que “observar é o primeiro ato de cuidado”, pois é através da observação que o educador aprende a agir com intencionalidade, evitando intervenções desnecessárias. Ao invés de intervir constantemente, o educador se coloca em uma postura de presença atenta, acompanhando as descobertas infantis sem dirigir o processo.

Essa forma de estar com a criança requer uma escuta ativa e sensível. Ostetto (2011, p. 27) observa que “observar é também uma forma de estar com o outro, sem a necessidade de conduzir-lhe os passos”. A escuta e o olhar atentos tornam-se, portanto, instrumentos fundamentais de trabalho. O educador, ao compreender que cada gesto e cada tentativa têm um sentido para a criança, cria condições para que ela se expresse de maneira livre e segura. Essa postura promove não apenas o desenvolvimento motor, mas também a construção de vínculos afetivos sólidos e de uma relação de confiança mútua.

Na prática cotidiana, a observação permite ao educador planejar intervenções mais coerentes e respeitosas. Por exemplo, ao observar um bebê tentando alcançar um brinquedo, o educador não o entrega de imediato, mas ajusta o ambiente para que ele possa tentar alcançá-lo por si só. Essa atitude reconhece o valor da tentativa e do esforço, fortalecendo a autoestima da criança. Falk (2020, p. 64) explica que “quando o adulto faz pelo bebê aquilo que ele poderia tentar sozinho, priva-o da experiência de conquista”. Portanto, a mediação sensível consiste em oferecer apoio apenas quando necessário, preservando a oportunidade de descoberta.

O papel de mediador exige também que o educador reflita sobre sua própria ação. Muitas vezes, o impulso de ajudar ou acelerar o desenvolvimento do bebê nasce mais da ansiedade do adulto do que das necessidades da criança. Segundo Pikler (2019, p.

59), “a paciência do adulto é a condição para o desenvolvimento natural da criança”. Essa paciência se manifesta na capacidade de esperar, de observar e de confiar. O educador precisa aprender a “estar presente sem dominar”, o que requer autoconhecimento e sensibilidade emocional.

Além da observação, outro aspecto essencial é a organização do tempo e do espaço. O educador pikleriano compreende que o ambiente deve favorecer a autonomia, e que o tempo da criança não pode ser subordinado à pressa dos adultos. Falk (2020, p. 75) destaca que “a criança aprende quando tem tempo para repetir, experimentar e compreender o que faz”. O educador, portanto, garante que as rotinas — como alimentação, troca e brincadeira — aconteçam de forma tranquila e previsível, respeitando o ritmo individual de cada bebê.

Essa previsibilidade tem um valor afetivo e educativo. Quando a criança sabe o que vai acontecer, sente-se segura para explorar e aprender. David e Appell (2021, p. 62) ressaltam que “a rotina estável é uma base de segurança que permite à criança concentrar-se em suas ações e descobertas”. Assim, o educador atua como mediador não apenas nas brincadeiras, mas em todos os momentos do cotidiano, compreendendo que o cuidado é também um espaço de aprendizagem e vínculo.

Outro ponto fundamental é a comunicação não verbal entre educador e criança. O olhar, o tom de voz, o ritmo dos gestos e a maneira de tocar expressam respeito ou domínio. Na pedagogia pikleriana, o toque é sempre anunciado e consentido, para que a criança sinta-se parte ativa da relação. Ostetto (2011, p. 36) observa que “o modo como o adulto toca o bebê comunica a forma como o reconhece: como sujeito ou como objeto”. Assim, o educador que age com delicadeza e atenção reforça a autoestima e o senso de valor da criança.

A função mediadora também implica uma dimensão ética e política. O educador que observa, escuta e respeita o ritmo da criança desafia modelos pedagógicos baseados no controle e na produtividade. Essa postura promove uma pedagogia da confiança, que reconhec e a infância como tempo legítimo de experimentação. Pikler (2019, p. 65) sintetiza esse princípio ao afirmar que “o que a criança precisa não é de adestramento, mas de oportunidades para agir por si mesma”.

Portanto, o papel do educador nas práticas piklerianas é complexo e profundamente humano. Ele exige sensibilidade para compreender os sinais da criança, capacidade de refletir sobre suas próprias ações e compromisso ético com o desenvolvimento integral. O educador atua como guia silencioso, cuja presença constante, mas não invasiva, permite que a criança se sinta segura para explorar e aprender.

Em síntese, ser mediador e observador na perspectiva de Emmi Pikler é assumir um compromisso com a infância como experiência de liberdade e descoberta. É reconhecer que cada gesto do bebê comunica uma intenção e que o olhar do adulto pode ser fonte de apoio ou limitação. Quando o educador observa com respeito, ele ensina sem palavras, conduz sem impor e educa a partir da confiança. Essa postura transforma o cotidiano da creche em um espaço de relações éticas, aprendizado sensível e desenvolvimento pleno da autonomia infantil.

2.3 O PAPEL DO EDUCADOR NAS PRÁTICAS PIKLERIANAS

O papel do educador nas práticas Piklerianas é um dos eixos centrais dessa abordagem e requer uma profunda mudança de olhar sobre a infância e sobre o próprio ato educativo. Longe de assumir uma função diretiva, o educador Pikleriano é aquele que observa, acompanha e sustenta as ações da criança com respeito e empatia. Pikler (2011, p. 29) afirmava que “a tarefa do adulto não é ensinar o bebê a se mover, mas criar condições para que ele descubra, por si mesmo, a alegria de se movimentar”. Essa perspectiva redefine a prática pedagógica, colocando o foco no acompanhamento do processo e não no controle do resultado.

O educador, ao adotar uma postura de escuta e observação, reconhece o bebê como sujeito ativo, competente e capaz de participar de suas próprias experiências. Essa concepção vai além de uma técnica: trata-se de uma ética relacional. Tardos (2010, p. 44) reforça que “o respeito à iniciativa da criança

é a base da segurança emocional e da autoconfiança que ela desenvolverá ao longo da vida". Assim, o educador deve conter o impulso de intervir a todo momento e confiar nas potencialidades do bebê, permitindo que este aprenda com suas tentativas e conquistas.

Nas instituições de educação infantil, a atuação do educador Pikleriano exige tempo, paciência e um olhar atento às sutilezas do comportamento infantil. Observar o bebê implica mais do que vê-lo agir: é compreender o sentido das suas ações, as motivações e emoções que as acompanham. Campos (2018, p. 91) destaca que "a observação é uma prática formativa, pois transforma o educador, que passa a compreender o ritmo e o modo próprio de ser de cada criança". A observação sistemática, nesse sentido, se torna um ato pedagógico fundamental para a construção de práticas verdadeiramente individualizadas e respeitosas.

O ambiente também exerce papel essencial na prática do educador. A preparação cuidadosa dos espaços é parte integrante da pedagogia Pikleriana, pois o ambiente físico comunica segurança, liberdade e convite à exploração. Leitão (2021, p. 65) afirma que "o ambiente é o terceiro educador, junto com o adulto e a criança; ele organiza o tempo e o espaço para que o aprendizado se dê em um contexto de autonomia e prazer". Cabe ao educador, portanto, criar contextos de aprendizagem que favoreçam a livre descoberta, evitando tanto o excesso de estímulos quanto a ausência de desafios.

Outro aspecto central é a qualidade das interações nos momentos de cuidado. Para Pikler, o cuidado cotidiano — como a troca de fraldas, o banho e a alimentação — não é uma pausa no aprendizado, mas o próprio espaço educativo. Durante esses momentos, o educador estabelece com a criança uma relação de diálogo, reciprocidade e respeito. Tardos (2010, p. 53) enfatiza que "cada ato de cuidado é uma oportunidade de relação, em que o bebê participa ativamente e o adulto comunica com gestos, palavras e olhares o respeito por sua individualidade". O cuidado, portanto, não é um ato mecânico, mas um espaço de encontro e construção de vínculos.

Ser um educador Pikleriano também implica reconhecer seus próprios limites e rever concepções cristalizadas de ensino. A prática cotidiana desafia o adulto a exercer o autocontrole e a paciência, qualidades fundamentais para não interferir de forma inadequada nas ações espontâneas da criança. Gonçalves e Rocha (2019, p. 48) observam que "a maior dificuldade do educador Pikleriano não está em aplicar técnicas, mas em transformar sua postura interior diante da infância". Essa transformação envolve abandonar a lógica do desempenho e da pressa, adotando uma pedagogia da presença e da confiança.

Além disso, o educador deve ser um pesquisador do cotidiano, registrando suas observações e refletindo continuamente sobre sua prática. O registro pedagógico, nesse contexto, é uma ferramenta de formação e de escuta. Conforme Horn (2017, p. 76), "o registro possibilita enxergar o invisível da rotina e valorizar as pequenas conquistas que constroem o desenvolvimento infantil". Ao documentar o cotidiano, o educador dá visibilidade às aprendizagens das crianças e fortalece sua própria prática reflexiva.

A formação continuada é outro elemento indispensável para a consolidação das práticas Piklerianas. Estudar a teoria, compartilhar experiências e refletir coletivamente sobre os desafios do trabalho pedagógico são caminhos para sustentar uma prática coerente e sensível. Oliveira e Barros (2022, p. 33) apontam que "a formação do educador Pikleriano é um processo permanente de autoconhecimento e de ressignificação da relação com a criança". Dessa forma, a formação não se limita à aquisição de conhecimentos técnicos, mas abrange uma transformação ética e afetiva do olhar sobre o outro.

Em síntese, o papel do educador nas práticas Piklerianas é o de guardião do tempo e do espaço da infância. Ele observa, acolhe, organiza e garante as condições para que a criança viva experiências significativas. Ao respeitar o ritmo próprio de cada bebê e reconhecer a potência das pequenas ações, o educador atua como mediador de uma pedagogia que valoriza a liberdade, a descoberta e o vínculo. Assim, educar segundo Pikler é, antes de tudo, um ato de confian-

ça e humanidade, no qual o adulto se torna parceiro do crescimento, e não condutor do destino da criança.

2.4 O MOVIMENTO LIVRE COMO CAMINHO PARA A AUTONOMIA E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

O movimento livre, princípio fundamental da abordagem Pikleriana, constitui-se como a base para o desenvolvimento integral da criança. Essa concepção parte do pressuposto de que o bebê é um sujeito ativo, capaz de conquistar suas habilidades motoras de forma espontânea, sem a necessidade de intervenções diretivas do adulto. Pikler (2011, p. 25) enfatiza que "o movimento autônomo é a expressão da liberdade interior da criança e o fundamento de seu equilíbrio físico e emocional". Dessa forma, permitir que o bebê se movimente livremente não é apenas uma questão motora, mas uma escolha pedagógica e ética que valoriza sua autonomia e sua subjetividade.

O livre movimento permite à criança desenvolver-se em seu próprio ritmo, respeitando sua individualidade. Cada conquista motora — rolar, sentar, engatinhar, ficar de pé — ocorre como resultado de experiências autênticas e da exploração ativa do ambiente. Conforme Tardos (2010, p. 39), "a autonomia não é ensinada; ela se constrói a partir das oportunidades que a criança tem de agir por conta própria". Essa perspectiva rompe com a ideia de que o adulto deve conduzir o desenvolvimento e reafirma que o papel do educador é o de criar condições seguras e estimulantes para que o aprendizado aconteça de forma natural.

O movimento livre está diretamente relacionado à formação da autoconfiança e ao fortalecimento da identidade infantil. Quando a criança é respeitada em suas ações, ela desenvolve a percepção de que é capaz de agir e conquistar seus próprios objetivos. Essa confiança interna constitui a base para a autonomia cognitiva, social e emocional. Gonçalves e Rocha (2019, p. 51) observam que "a criança que se move livremente aprende a confiar em si mesma, porque suas iniciativas são valorizadas e suas tentativas são vistas como legítimas". Nesse sentido, o ambiente educativo torna-se um espaço de experimentação, onde o erro não é fracasso, mas parte do processo de descoberta.

Além de favorecer a autonomia, o movimento livre contribui para o desenvolvimento integral, compreendido como a articulação entre os aspectos físico, cognitivo, emocional e social. Ao explorar o espaço e os objetos, a criança realiza conexões mentais, experimenta sensações, desenvolve a coordenação motora e aprende sobre as relações de causa e efeito. Para Wallon (1975, p. 92), "o movimento é a primeira forma de pensamento; é através do gesto que a criança organiza suas emoções e compreende o mundo". Essa visão complementa a perspectiva Pikleriana ao reconhecer o corpo como território de construção de conhecimento e de expressão emocional.

O ambiente, nesse contexto, exerce papel fundamental. Um espaço preparado, seguro e esteticamente acolhedor possibilita a exploração autônoma e o aprendizado ativo. Leitão (2021, p. 69) explica que "o ambiente Pikleriano é planejado para convidar a criança à ação, permitindo que ela experimente com o corpo, o olhar e o toque, em um clima de tranquilidade e liberdade". A simplicidade dos materiais — cestos, rampas, almofadas e brinquedos não estruturados — favorece a criatividade e estimula a curiosidade natural. O educador, por sua vez, mantém uma presença atenta, observando sem interromper, intervindo apenas quando há necessidade real de garantir segurança ou acolhimento.

O movimento livre também tem impactos significativos na relação entre corpo e afeto. Ao permitir que a criança aja por si mesma, o educador comunica confiança e respeito, fortalecendo o vínculo emocional e o sentimento de pertencimento. Tardos (2010, p. 46) sublinha que "a liberdade de movimento é também liberdade emocional; o bebê que se sente respeitado em suas ações aprende a confiar nos adultos e no ambiente". Essa relação de confiança mútua é a base para o desenvolvimento emocional equilibrado e para a construção de relações sociais saudáveis.

Do ponto de vista educativo, adotar o movimento livre como princípio implica repensar as práticas pedagógicas e as expectativas sobre o desenvolvimento infantil. Em muitas

instituições, ainda é comum a pressa em estimular a criança a alcançar marcos motores antes do tempo, o que, segundo Pikler, pode gerar insegurança e interferir negativamente no desenvolvimento natural. Pikler (2011, p. 37) alertava que "toda vez que apressamos o bebê a realizar algo que ainda não conquistou sozinho, roubamos -lhe a alegria da descoberta". Portanto, respeitar o tempo da criança é reconhecer o valor do processo e não apenas do resultado.

Além de seus efeitos no desenvolvimento físico e emocional, o movimento livre influencia diretamente a formação da autonomia intelectual. A criança que tem liberdade para explorar e tomar decisões aprende a planejar, resolver problemas e desenvolver estratégias próprias. Oliveira e Barros (2022, p. 40) afirmam que "a autonomia corporal é o primeiro passo para a autonomia de pensamento, pois ambas se constroem na experiência e na possibilidade de escolha". Essa ideia reforça que a liberdade motora não é apenas uma questão biológica, mas um princípio pedagógico essencial para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

Por fim, é importante compreender que o movimento livre não significa ausência de limites ou de acompanhamento. O educador Pikleriano mantém uma presença serena e protetora, oferecendo segurança e estabilidade emocional. O equilíbrio entre liberdade e cuidado caracteriza o verdadeiro sentido do movimento livre: a criança é livre para agir, mas está sempre amparada por uma relação de confiança e acolhimento. Em síntese, o movimento livre é um ato educativo e afetivo, no qual o corpo é o primeiro território da autonomia e da construção do "eu". Assim, compreender e aplicar o movimento livre como caminho para o desenvolvimento integral é reafirmar a infância como tempo de experiências significativas, de descobertas e de liberdade. A prática Pikleriana nos convida a respeitar o corpo e o tempo da c riança, reconhecendo que, ao permitir que ela se mova livremente, o educador está, na verdade, educando para a vida, para a confiança e para a autonomia.

3. CONCLUSÃO

As práticas Piklerianas, fundamentadas no respeito à autonomia e ao movimento livre da criança, configuram-se como uma proposta pedagógica que transcende o âmbito do cuidado e alcança a dimensão ética e formativa da educação infantil. Ao longo deste estudo, foi possível compreender que o cerne da abordagem desenvolvida por Emmi Pikler está na confiança nas potencialidades do bebê e na valorização de sua capacidade de agir, explorar e aprender de forma autônoma. O educador, nesse contexto, assume o papel de mediador sensível, cuja principal tarefa é observar, acolher e garantir condições adequadas para que o desenvolvimento aconteça de maneira natural e harmoniosa.

Os fundamentos teóricos apresentados evidenciam que o movimento livre não é apenas um recurso motor, mas um princípio educativo que sustenta o desenvolvimento integral da criança. Quando se permite que o bebê se mova livremente, cria-se um ambiente onde ele pode construir a própria aprendizagem, fortalecer a autoconfiança e desenvolver vínculos seguros com o adulto. Esse processo, como afirmam Pikler (2011) e Tardos (2010), depende essencialmente de uma relação de respeito e reciprocidade, na qual o educador reconhece a criança como sujeito competente, ativo e participativo.

A atuação do educador nas práticas Piklerianas revela-se, portanto, como um exercício constante de escuta e reflexão. Exige-se do profissional uma postura ética e consciente, capaz de conter o impulso de controlar e dirigir as ações infantis. Como destacam Gonçalves e Rocha (2019), o maior desafio não é aplicar técnicas, mas transformar o olhar sobre a infância. Essa transformação implica reconhecer que o desenvolvimento não deve ser apressado, mas acompanhado com paciência e confiança. O educador Pikleriano compreende que cada gesto da criança expressa um modo singular de ser e estar no mundo, e que o respeito a esse ritmo é o que possibilita um crescimento pleno.

Outro aspecto relevante observado é o valor pedagógico dos momentos de cuidado, que, longe de representarem interrupções no processo educativo, constituem oportunidades privilegiadas de interação e aprendizagem. Durante o banho, a troca ou a alimen-

tação, o educador e a criança constroem uma relação baseada na comunicação e na cooperação. Essas situações reforçam o caráter educativo do cotidiano, aproximando o cuidado do ato de educar, em uma perspectiva integral e humanizadora.

Ao compreender o movimento livre como um caminho para a autonomia, a abordagem Pikleriana contribui para a construção de uma educação infantil mais sensível, inclusiva e respeitosa. O espaço educativo deixa de ser um ambiente de imposições e passa a ser um território de descobertas, onde o corpo, o afeto e o pensamento se articulam de forma orgânica. Como reforça Leitão (2021), o ambiente preparado e a atitude atenta do educador constituem os pilares para a aprendizagem ativa e significativa.

Em síntese, as práticas Piklerianas reafirmam uma concepção de infância como tempo de liberdade e de experimentação. O respeito ao ritmo, à autonomia e às iniciativas da criança traduz uma pedagogia do cuidado que reconhece o bebê como sujeito de direitos e de experiências. Assim, o legado de Emmi Pikler permanece atual e necessário, pois propõe uma educação que forma seres humanos confiantes, curiosos e autônomos — não por terem sido conduzidos, mas por terem sido respeitados em seu próprio processo de crescer.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, M. Observar para educar: práticas e reflexões na educação infantil. São Paulo: Cortez, 2018.

DAVID, J.; APPELL, A. Autonomia e desenvolvimento infantil: a abordagem Pikler. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021.

FALK, S. Educação respeitosa: fundamentos e práticas Piklerianas. Porto Alegre: Penso, 2020.

GONÇALVES, R.; ROCHA, L. O educador Pikleriano: teoria e prática. São Paulo: Papirus, 2019.

HENGSTENBERG, E. Movimento e descoberta: Emmi Pikler e a infância autônoma. Budapeste: Lóczy, 2005.

LEITÃO, F. Ambientes educativos e desenvolvimento infantil. Lisboa: Educa, 2021.

OLIVEIRA, P.; BARROS, S. Formação de educadores na abordagem Pikler. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

OSTETTO, M. Educação infantil e práticas de cuidado. Porto Alegre: Mediação, 2011.

PIKLER, E. Cuidado e desenvolvimento do bebê: princípios da abordagem Pikleriana. São Paulo: Summus, 2011.

TARDOS, A. Infância e autonomia: estudos sobre a pedagogia Pikleriana. Barcelona: Kairós, 2010.

WALLON, H. Psicologia e educação: o desenvolvimento da criança. São Paulo: Cortez, 1975.